



**O CORPO É POSSÍVEL: UMA LEITURA DO EROTISMO  
NA POESIA DE PAULA TAVARES**

*THE BODY IS POSSIBLE: A READING OF EROTICISM  
IN THE POETRY OF PAULA TAVARES*

*EL CUERPO ES POSIBLE: UNA LECTURA DEL EROTISMO  
EN LA POESÍA DE PAULA TAVARES*

Tânia Maria de Araújo Lima<sup>1</sup>  
Canniggia de Carvalho Gomes<sup>2</sup>

**RESUMO:**

Este artigo se volta para a poética de Paula Tavares, autora de *Ritos de passagem*, obra que se constitui como marco inicial, publicada em 1985. Angolana, do sul de Angola, da Huíla, traz o corpo da mulher e seu erotismo como temática fulcral de seu trabalho, irrompendo na literatura a partir de um viés transgressor dos costumes, com uma escrita e dicção no feminino. É nas poesias publicadas ao longo dos seus seis livros que encontramos os elementos principais para a construção desse texto, principalmente nos poemas que aludem ao corpo feminino e ao erótico, bem como nos poemas que nos sugerem uma perspectiva de leitura com base em questões de gênero. Pensando a teoria de Hélène Cixous, em *The laugh of the Medusa* (1976), partimos do princípio de que há uma autoria feminina na produção de Paula Tavares, para que, assim, possamos verificar os elementos que surgem nessa e dessa escrita. Investigamos, conseqüentemente, como se dá o erótico na poética de Paula Tavares e os caminhos que nos são oferecidos para refletirmos sobre as questões de gênero deflagradas nas sociedades durante a história da humanidade. Para aprofundarmos as análises sobre o corpo e o erotismo, utilizamos,

1 Professora Doutora da UFRN/ PPgEL - [tanielimapoesia@yahoo.com.br](mailto:tanielimapoesia@yahoo.com.br)

2 Professor Mestre pela UFRN/ PPgEL - [canniggiadecarvalho@gmail.com](mailto:canniggiadecarvalho@gmail.com)



com mais ênfase, as colaborações teóricas de Elisabeth Grosz, em *Corpos reconfigurados* (2000); Elódia Xavier, em *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (2007); Georges Bataille, em *O erotismo* (2014); Octavio Paz, em *A dupla chama: amor e erotismo* (1914); Audre Lorde, em *Sister outsider: essays and speeches* (1984). A pesquisa que aqui propomos se constitui metodologicamente como bibliográfica e analítica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paula Tavares, escrita feminina, erotismo.

**ABSTRACT:**

*This article revolves around Paula Tavares's poetic, author of Ritos de passagem, literary work that constitutes as initial mark, published in 1985. Angolan, born in Huila, she brings, as the central theme, the woman's body and its eroticism, a bias that transgresses the customs. The poems, which were published along her six books, are the essential elements to this text, mainly the ones that mention the female's body and the erotic, and those that contribute with a way of reading the gender questions as well. Guided by Hélène Cixou's theory, in The laugh of the Medusa (1976), we propose that there is a feminine authors in Paula Tavares's literature so that we could verify the elements that rise in this written. Therefore, we investigate how the erotic shows in Paula Tavares's work and the ways it contributes to the reflection about gender questions in the history of human society. To deepen the analysis of the body and eroticism, we use, with more emphasis, the theoretical collaborations of Corpos reconfigurados (2000), by Elisabeth Grosz; Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino (2007), by Elódia Xavier; O erotismo (2014), by Georges Bataille; A dupla chama: amor e erotismo (1914), by Octavio Paz; Sister outsider: essays and speeches (1984), by Audre Lorde. This research is methodologically bibliographic and analytical.*

**KEYWORDS:** Paula Tavares, feminine writing, erotism.

**RESUMEN:**

*Este artículo se vuelve a la poética de Paula Tavares, más específicamente a Ritos de passagem (1985), obra que se constituye como el corpus para la investigación que aquí se desarrolla. Angolana, del sur de Huila, trae el cuerpo de la mujer y su erotismo como temática nuclear de su trabajo, irrumpiendo en la literatura a partir de un sesgo transgresor de las costumbres con una escritura y dicción en el femenino. Es en las poesías publicadas a lo largo de sus seis libros que encontramos los elementos principales para la construcción de ese texto, principalmente en los poemas que aluden al cuerpo femenino y al erótico, así como los que nos sugieren una perspectiva de lectura a partir de las cuestiones de género. En la teoría de Hélène Cixous, en The laugh of the Medusa (1976), partimos del principio de que hay una autoría femenina en la producción de Paula Tavares, para que así podamos verificar los elementos que surgen a partir de esa escritura. Investigamos, consecuentemente, cómo se dá el erótico*

*en la poética de Paula Tavares y los caminos que nos son ofrecidos para reflexionar sobre las cuestiones de género desencadenadas en las sociedades durante la historia de la humanidad. Para profundizar los análisis sobre el cuerpo y el erotismo, utilizamos, con más énfasis, las colaboraciones teóricas de Elisabeth Grosz, en Corpos reconfigurados (2000); Elodia Xavier, en Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino (2007); Georges Bataille, en O erotismo (2014); Octavio Paz, en A dupla chama: amor e erotismo (1914); Audre Lorde; Sister outsider: essays and speeches (1984). La investigación que aquí proponemos se constituye metodológicamente como bibliográfica y analítica.*

**PALABRAS-CLAVE:** Paula Tavares, escritura femenina, erotismo

‘o objeto erótico’ é também uma consciência; através dela o objeto se transforma em sujeito.  
(PAZ, 1994, p. 46)

Pensar no corpo, em qualquer circunstância, é levantar o olhar para aquilo que, sendo parte elementar das nossas vivências, é uma construção repleta de signos sociais, culturais e políticos. Isto é, o corpo e sua maneira de apresentar-se para o outro é uma cartografia constituída de rotas, imagens, símbolos, significados que sempre influenciam o processo de constituir o que somos. Logo, as diferentes construções que se dão no plano do aspecto corpóreo recebem diferentes significações, à medida em que se aproximam do feminino ou do masculino, por exemplo.

Octavio Paz já havia constatado, em 1914, em passagem de *A dupla chama: amor e erotismo*, que “o que chamamos corpo é hoje algo muito mais complexo do que era para Platão em sua época” (p. 46).

Levando em conta o patriarcado, sistema organizacional que submete as mulheres ao domínio dos homens, podemos dizer que se objetifica o corpo feminino, porque instituiu-se que este, sendo parte do que é construído em torno da mulher, deve ser subjugado, assim como dizem os roteiros desse sistema e sua faceta mais misógina. Portanto, a partir dessa premissa, o elemento do feminino é explorado dentro de concepções violentas e tolhedoras, corroborando com as amarras machistas que estruturam esse campo material-simbólico e que designam o tamanho e a força da opressão que recaem sobre o indivíduo que se acomoda, em todas as possibilidades, no ser mulher.

O que Paula Tavares nos apresenta é uma nova estética de se pensar o corpo enquanto o nosso universo mais próximo, a geografia pela qual e através da qual nós pertencemos ao mundo<sup>3</sup>. Como se passasse a mão pelos espelhos embaçados das negações a limpá-los, a poetisa faz refletir a mulher – essa estrangeira – e afirma que o corpo da mulher é possível. Assim como o verso e a paixão nele inscritos, assim como a vida exposta e discutida, o corpo é possível.

<sup>3</sup> Referência à poetisa estadunidense Adrienne Rich, que afirma: “Começar, assim, não por um continente, por um país ou por uma casa, mas pela geografia mais próxima – o corpo.” (RICH, 2002, p. 17)

Desde sua estreia na literatura em 1985, com a publicação de *Ritos de passagem*, obra na qual encontramos, como carro-chefe, “Cerimônia de passagem” – o primeiro poema –, enxergamos de antemão o corpo feminino, o erótico, a sexualidade, a paixão com a qual se inscreve no mundo o eu lírico do poema: a mulher. Tais temáticas parecem discutir e, até mesmo, sugerir caminhos para a desorganização dos modelos vigentes que marginalizam o feminino, apresentando uma consciência nova, uma maneira nova de perceber seu gênero enquanto representação social de existência. No poema “Tecidos”, diz:

Meu corpo  
é um tear vertical  
onde deixaste cruzadas  
as cores da tua vida: duas faixas um losango  
marcas da peste.  
Meu corpo  
é uma floresta fechada  
onde escolheste o caminho  
Depois de te perderes  
guardaste a chave e o provérbio.  
(TAVARES, 2011, p. 124)

É atando as linhas, realizando manobras, crescendo os fios para engendrar o tecido que a poetisa legitima o corpo enquanto vivente, enquanto o caminho por onde se passa. Traçar uma linha entre esses dois elementos, corpo e tear, é construir a metáfora que aborda o tecer que, nesse caso, se refere à esfera subjetiva. Pelo tear, chega-se ao tecido, um conjunto de linhas enroscadas que aprontam e fazem surgir o pano. Pelo corpo, chega-se à vivência própria, permeada pelas demandas pessoais de cada sujeito. Esse, pois, é o próprio tear, uma vez que tem em si e traz para si as experiências, as marcas, os desejos e desencantos, as parcelas dos quereres.

A imagem do corpo enquanto tear vertical nos remete a um processo de experimentação de si que perpassa a nossa participação do mundo, pois tal trabalho diz de uma natureza inventiva, criativa. Optando por essa leitura, o sujeito que tece a partir do corpo é alguém que busca primeiramente em si a substância para reinventar-se, isto é, reconhecer-se como produtor e sujeito primeiro de sua história.

Audre Lorde, em *Sister outsider: essays and speeches* (1984)<sup>4</sup>, já havia refletido sobre essa dinâmica que está ligada ao autoconhecimento da mulher com base em seu corpo e nas interações que esse tem com o coletivo, o social. O erótico é, pois, aquilo que ela coloca como

fonte inesgotável de conhecimento de si.

Há vários tipos de poder, usados ou não usados, reconhecidos ou não. O erótico é um recurso dentro de cada um de nós que repousa em um profundo plano feminino e espiritual, firmemente enraizado no poder de nosso não expressado ou não reconhecido sentimento. A fim de se perpetuar, cada opressão deve corromper ou distorcer essas várias fontes de poder dentro da cultura do oprimido que podem prover energia para mudar. Para as mulheres, isso tem significado a supressão do erótico como uma fonte considerável de poder e de informação nas suas vidas. (LORDE, 2007, p. 53, tradução livre)<sup>5</sup>

O erótico proporciona o encontro com o que há de mais profundo no corpo, na existência. Vamos além: o corpo é o primeiro contato com o mundo, o marco geográfico e afetivo de cada indivíduo. E, tratando-se de uma produção de mulher, esta analogia também diz respeito à subversão da hierarquia hegemônica, pois é sabido que o corpo, em suas diversas demandas, está interdito a ela. Quando Paula Tavares se refere ao corpo feminino, ela está, de todas as maneiras possíveis, transgredindo a ordem que a submete ao olhar do homem, aquele que seria o único responsável por tal abordagem e que regularia as imagens que são trazidas a público desse corpo.

É o que Audre Lorde propõe no seu texto, o que ela afirma sobre a maneira de perpetuar as opressões, desdizendo esse conhecimento e sabedoria que oprimem a mulher. A proposta de Audre e a poesia de Paula Tavares particularizam a mulher enquanto sujeito, enquanto aquela que pode descobrir a fundo veias de sua própria existência. Nesse caso, as possibilidades e vislumbre dessa ação são interditas, para que as distorções não percam seus sentidos e força dentro dessa dinâmica hegemônica e masculina. Na cultura do oprimido, as energias criativas que rasuram as dominações são anuladas. Assim é o erótico para as mulheres, aquilo que seria autoconhecimento e que é vilificado.

Nós fomos ensinadas a suspeitarmos desse recurso, vilificado, abusado e desvalorizado na sociedade ocidental. Por um lado, o erótico superficial foi estimulado como um sinal da inferioridade feminina; por outro, as mulheres foram levadas a sofrerem e se sentirem desprezíveis e suspeitas pela força dessa existência.<sup>6</sup> (LORDE, 2007, p. 53, tradução livre)

5 THERE ARE MANY kinds of power, used and unused, acknowledged or otherwise. The erotic is a resource within each of us that lies in a deeply female and spiritual plane, firmly rooted in the power of our unexpressed or unrecognized feeling. In order to perpetuate itself, every oppression must corrupt or distort those various sources of power within the culture of the oppressed that can provide energy for change. For women, this has meant a suppression of the erotic as a considered source of power and information within our lives.

6 We have been taught to suspect this resource, vilified, abused, and devalued within western society. On the one hand, the superficially erotic has been encouraged as a sign of female inferiority; on the other hand, women have been made to suffer and to feel both contemptible and suspect by virtue of its existence.

4 Para as referências feitas nesse texto, utilizaremos o ano de 2007, data da versão lida para embasar nossa leitura.

A movimentação de transgredir essa ordem acaba por colocar no centro de sua produção a mulher enquanto dona de um corpo que fala e que é passível de sentimentos e sensações, de rupturas, de angústias e de estigmas e que reivindica o espaço naturalizado como próprio dos homens; faz com que os olhos se voltem para este ponto cego<sup>7</sup>, o corpo feminino.

Até meados de 1985, no que se refere à produção feminina das literaturas na África de língua oficial portuguesa, o corpo era um território “selvagem” – estava lá, mas ninguém ousava trazê-lo de maneira mais subjetiva<sup>8</sup>. Para Elisabeth Grosz, em seu artigo “Corpos reconfigurados” (2000), o corpo continua a ser um ponto cego no entendimento ocidental dominante e, quando abordado, o é a partir da relação dicotômica – corpo/ negativo x mente/positivo – que prioriza um em detrimento do outro. “Assim, o corpo é o que não é a mente, aquilo que é distinto do termo privilegiado e é outro. É o que a mente deve expulsar para manter sua ‘integridade’”. (GROSZ, 2000, p. 48)

O corpo é compreendido dentro da negatividade, “definido como desregrado, disruptivo, necessitando de direção e julgamento”, como coloca Grosz (2000, p. 48), por entender que os discursos sociais distanciam os sujeitos do entendimento e da experiência com o mais íntimo de si mesmos. Octavio Paz, retomando as preconizações de Platão sobre essa questão, afirma que:

A severa condenação do prazer físico e a pregação da castidade como caminho para a virtude e a beatitude são a consequência natural da separação platônica entre o corpo e a alma. Para nós essa separação é muito forte. Este é um dos traços que definem a época moderna: as fronteiras entre a alma e o corpo se atenuaram. (PAZ, 1994, p. 46)

À mulher restou, pois, esse terreno de negação, do impossível, do alijamento e do distanciamento, uma vez que o corpo é atribuído a ela enquanto apenas matéria. Anulando-se seu corpo, logo anula-se a mulher. Submetendo-se o corpo, assim submete-se também a mulher. Distanciada de si, sendo o próprio ponto cego, como propôs Grosz, ela está longe de seu corpo. Engendrando discursos de enfrentamento, Paula Tavares sugere o embate à cegueira e, para isso, muda a direção das luzes para auxiliar e não ofuscar a vista.

Deixa as mãos cegas  
Aprender a ler o meu corpo  
Que eu ofereço vales  
curvas de rios  
óleos

<sup>7</sup> Referência ao artigo de Elisabeth Grosz, “Corpos reconfigurados”, no qual discorre sobre o corpo, afirmando que este é ainda um ponto cego no pensamento filosófico do Ocidente.

<sup>8</sup> Inocência Mata aborda essa questão no prefácio para a edição portuguesa de *Ritos de passagem* (1985), afirmando que, até então, não havia lido produção africana que trabalhasse o corpo a partir dessa esfera mais subjetiva.

Deixa as mãos cegas

Descer o rio

Por montes e vales

(TAVARES, 2011, p. 192)

Brincando com mãos cegas, chega-se ao corpo. Este poema é uma afronta, é ruptura. Quebra com o silêncio e o silenciar das mulheres, revisa a história no correr dos séculos, desata o nó ainda apertado na garganta e deixa que a voz se erga, contrariando os ensinamentos de que não há terreno para o corpo. É um discurso de engendramento de uma escrita e de uma vivência femininas que, a partir de simbolismos diversos, diz, em primeira pessoa, que o corpo existe, apesar de não lido. Ao falar das ofertas, sugere que este corpo é passível de sensações. É vale, é curva de rio, é óleo, é caminho que deve ser percorrido.

Deixar que as mãos aprendam o corpo é retirar as vendas tão essenciais às conjunturas do patriarcado e que afastam as mulheres de si, o que, conseqüentemente, também as afasta de seus sentidos. O corpo deve ser lido, porque ele discursa e é, nesse ponto, que reside a violência do sistema, por querer anular esse discurso, disfarçá-lo, violentá-lo. Ler um corpo de mulher é, sobretudo, ler as narrativas contadas pelo avesso e entender a inversão da lógica homológica, a negação das negações. Este corpo é, por si só, uma denúncia.

A poetisa alerta: as mãos precisam estar cegas para que a leitura aconteça, sem vícios, sem julgamentos precipitados/cristalizados, pois ela oferece vales. Chevalier e Gheerbrant, no *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, nos trazem algumas vias de análise para o entendimento dos significados da palavra vale, mas uma em especial chama a atenção, quando dizem que este tipo de terreno “é e simboliza o lugar das transformações fecundantes, onde a terra e a água do céu se unem para dar ricas colheitas” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 929). Sugere-se, então, a novidade que vem com a ruptura, a reinvenção do estabelecido.

O vale também nos revela uma vista para o próprio corpo feminino, “é uma cavidade, um canal, para o qual necessariamente convergem as águas vindas das alturas que o cercam” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 929). Este corpo nos oferece também “curvas de rio / óleos” [...] (TAVARES, 2011, p. 192). O rio, que simboliza a fertilidade, a morte e a renovação, é aquele que não fica – passa – e, por isso, renova-se a todo instante. Morre e renasce minuto a minuto, é volante.

O erótico surge através de elementos referentes à natureza, perpassado por esses símbolos, pelo rio, pelo monte e pelo vale. Sobre esse ponto, Elódia Xavier, em *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*, pensa o corpo erotizado como aquele que “vive a sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer, passando ao leitor, através de um discurso pleno de sensações, a vivência de uma experiência erótica” (XAVIER, 2007, p. 157). Em tempo, a escrita tecida por Paula Tavares retoma tal experimentação, toca na vivência dessa

relação erótica em que o corpo feminino e seu gozo são colocados, em muitos momentos, como fio condutor dessa imagem poética. A mulher se emancipa perante a sua própria vivência, enquanto sujeito de seu corpo. Para Octavio Paz, isso é parte de um processo de entendimento, pois, quando “avançamos, descobrimos novos aspectos do amor, como alguém que, ao subir a colina, contempla a cada passo as mudanças do panorama. Mas há uma parte escondida que não podemos ver com os olhos, e sim com o entendimento”. (PAZ, 1994, p. 44)

Em se tratando de escrita feminina, conforme Hélène Cixous defende, a experimentação do erótico vem justificar a concepção de que as mulheres devem se ver e ser donas de seus corpos, de seus prazeres, de seus textos, vivendo suas próprias histórias, em sua completude, o que se instaura a partir do contato com o próprio corpo e do confronto com os pilares que erguem as premissas da dominação masculina. O afastamento, por sua vez, se dá enquanto tentativa de lograr a experimentação do próprio corpo, o que significa, em linhas gerais, romper com o silêncio imposto aos corpos femininos e reivindicar o direito ao prazer. (XAVIER, 2007, p. 155)

Deve-se, a essa altura, pensar no ato sexual fora de suas demandas biológicas ligadas à reprodução; no poema, o jogo amoroso ultrapassa essas expectativas, quando induz o olhar para a vivência entre os corpos dentro de uma relação que visa ao prazer. Segundo Bataille, em suas ponderações no seu livro *O erotismo*<sup>9</sup>, o ato erótico é uma experiência que se diferencia da experimentada no sexo natural por não visar à reprodução, mas, sim, ao prazer e à procura psicológica do outro, independentemente do fim. A atividade sexual é comum ao homem e aos animais sexuados, porém, só o homem é capaz de tornar a atividade sexual uma atividade erótica, uma vez que é um ser sensível ao desejo que o faz buscar o outro para alcançar o prazer. O indivíduo procura o seu objeto de desejo através do olhar, “por fora”, porém, esse objeto externo relaciona-se com a experiência interior de cada indivíduo, ou seja, com a individualidade do desejo de cada um. (BATAILLE, 2014, p. 10)

Em outras palavras, a experiência do erótico vai além do ato sexual quando a busca pelo desejo transcende a condição natural e reprodutiva do sexo, alcançando prazer e fruição, como colocado no poema de Paula Tavares. Em *A dupla chama* (1914), Octavio Paz afirma que:

O desejo do melhor se alia ao de tê-la e de gozá-la para sempre. Todos os seres vivos e não só os humanos participam dele: todos querem perpetuar-se. O desejo de reprodução é outro dos elementos ou componentes do amor. Há duas formas de geração: a do corpo e a da alma. Os homens e mulheres, apaixonados por sua beleza, unem seus corpos para a reprodução. A geração, diz Platão, é algo divino tanto entre os animais como entre os humanos. Quanto a outra forma de geração: é superior, pois uma alma engendra em outra ideias e sentimentos imperecíveis. (PAZ, 1994, p. 43)

<sup>9</sup> A primeira publicação do livro se deu em 1957, mas aqui fixo a data de 2014, ano da edição traduzida por Fernando Scheibe, lançada pela Ed. Autêntica.

A experiência erótica está relacionada com a emancipação feminina e a produção de Paula Tavares se encontra nesse processo, uma vez que o cerne das questões que perpassam seus versos está intimamente ligado ao corpo feminino. A experiência da mulher e o erótico na literatura são transgressões das hierarquias falocêntricas.

Para Bataille, o erotismo é aquilo que coloca o ser em questão, uma mobilidade interior complexa. Em tempo, vale ressaltar que a procura psicológica proposta pelo autor precisa ser lida no contexto de criação da poetisa, uma vez que, apesar de haver nos poemas o contato com o outro, essa busca se dá da mulher para a própria mulher; através do contato com o seu corpo, com a sua sexualidade, ela procura os caminhos que levarão a si mesma, pois “‘o objeto erótico’ é também uma consciência; através dela o objeto se transforma em sujeito.” (PAZ, 1994, p. 46 e 47)

A poesia de Paula Tavares aponta para o corpo feminino frente a uma sociedade de mordanças e negações que, há tempos, recusa a concepção de um sujeito-mulher. Para Audre Lorde, as mulheres são:

criadas para temer o *sim* dentro de nós mesmas, nossas mais profundas ânsias. Mas, uma vez reconhecido, esses que não realçam o nosso futuro perdem seus poderes e podem ser modificados. O medo de nossos desejos os mantém suspeitos e indiscriminadamente poderosos [...]. O medo de não podemos ir além de qualquer distorção que acharmos em nós mesmas nos mantém dóceis, leais e obedientes, externamente definidas, e nos conduz para aceitarmos qualquer faceta da opressão que sofremos enquanto mulheres.<sup>10</sup> (LORDE, 2007, p. 57 e 58, tradução livre)

O corpo, para Elisabeth Grosz, é sempre organizado a partir de associações tradicionalmente desvalorizadas. Além disso, é, de modo geral, analisado fora de um contexto de valor histórico, social, cultural e político, ou seja, a partir do pensamento dicotômico que o submete em relação à mente.

Esses termos funcionam implicitamente para definir o corpo em termos não-históricos, naturalistas, organicistas, passivos, inertes, vendo-o como uma intrusão ou interferência com a operação da mente, um dado bruto que requer superação, uma conexão com a animalidade e a natureza que requer transcendência. (GROSZ, 2000, p. 49)

Se os corpos são vistos a partir desses estigmas e são tidos como territórios das mulheres, podemos afirmar que, por isso, são submetidos aos homens que atuam com a mente, a parte

<sup>10</sup> We have been raised to fear the yes within ourselves, our deepest cravings. But, once recognized, those which do not enhance Our future lose their power and can be altered. The fear of our desires keeps them suspect and indiscriminately powerful [...]. The fear that we cannot grow beyond whatever distortions we may find within ourselves keeps us docile and loyal and obedient, externally defined, and leads us to accept many facets of our oppression as women.

positiva. De qualquer modo, Paula Tavares enfrenta a visão maniqueísta instaurada na concepção entre os gêneros e transgride os ditames. Essa subversão nos leva a confrontar um lugar da crítica, cujo interesse é contar a história alheia e não abrir os caminhos para que o alheio se pronuncie. Em *Pode o subalterno falar?*, Spivak já havia comentado que há ainda, na produção crítica do Ocidente, o desejo de manter o homem como sujeito, ou seja, sujeito do Ocidente, para que se mantenha sua soberania subjetiva (SPIVAK, 2014, p. 25).

Partindo do princípio filosófico de que o corpo é desprovido de razão é que este foi minimizado e submetido. Por isso, a filosofia buscou excluir a feminilidade e, sendo assim, também a mulher, uma vez que esta sempre foi enxergada como a desrazão.

O mais relevante aqui é a correlação e associação da oposição mente/corpo com a oposição entre macho e fêmea, na qual homem e mente, mulher e corpo, alinham-se nas representações. Tal correlação não é contingente ou acidental, é central ao modo pelo qual a filosofia se desenvolveu historicamente e ao modo como ela se vê ainda hoje. (GROSZ, 2000, p. 49)

À mulher restou o lugar do pequeno, pois, nesses termos, o corpo não é entendido como matéria importante dentro de uma concepção de papel formativo no que diz respeito à produção de valores de qualquer esfera. Isso acontece porque a diversidade sexual não é analisada como algo que, direta ou indiretamente, pode influenciar no conhecimento. A mulher e seu corpo não são pensados.

As premissas que surgem da poética de Paula Tavares acerca do corpo e da mulher são a contravenção de um pensamento que sobrevive desde Platão, em que se notava o corpo como traição da alma, da razão e da mente, discurso esse que é reproduzido a partir de intuítos religiosos, políticos e culturais.

O pensamento misógino frequentemente encontrou uma autojustificativa conveniente para a posição social secundária das mulheres ao contê-las no interior dos corpos que são representados, até construídos, como frágeis, imperfeitos, desregrados, não confiáveis, sujeitos a várias intrusões que estão fora do controle consciente. A sexualidade feminina e os poderes de reprodução das mulheres são as características (culturais) definidoras das mulheres e, ao mesmo tempo, essas funções tornam a mulher vulnerável, necessitando de proteção ou de tratamento especial, conforme foi variadamente prescrito pelo patriarcado. (GROSZ, 2000, p. 67)

Essas considerações, principalmente as que apontam para a fragilidade do gênero, são o fermento que faz crescer o discurso que justifica a desigualdade social sofrida pela mulher. Desse modo, tendo o seu campo de atuação restrito – pois é o corpo o que não pensa –, a mulher

é vista a partir de sua biologia apenas, deixando para o homem tudo o que se refere à produção intelectual.

O corpo, então, é uma construção social repleta de crenças e valores que justificam a subordinação feminina e a dominação por parte dos homens. Sobre essa questão, Grosz afirma que o “corpo deve ser visto como um lugar de inscrições, produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas” (2000, p. 84). Contrariando essas demandas apontadas por Grosz em relação ao corpo feminino, a mulher que surge na poesia da angolana Paula Tavares é contraventora, criadora de uma ordem inversa, não canônica.

Não há sujeito sem a constituição de seu corpo, este é o terreno mais contíguo à identidade do ser, assim como foi pensado por Adrienne Rich, poetisa estadunidense, quando ela afirma que devemos enxergar o corpo como a nossa geografia mais próxima. O corpo é parte de nossa consciência, é um somatório de discursos empreendidos acerca dos costumes que cercam os nossos movimentos, é o resultado de expressões várias. Para além disso, ele precisa ser transcendência, pois saber-se é emancipar-se.

A história da humanidade mostra as intervenções sofridas pelos corpos, principalmente o feminino – ou o que se aproxime dele, por isso reconhecer o corpo da mulher é também entender as possibilidades outrora cerceadas do mesmo. Apagaram-no e a sua sexualidade para, assim, apagar também a própria mulher, guardá-la dentro de si, como mero objeto de obediência cega.

Segundo Elisabeth Grosz, precisamos encontrar um novo pensamento para lidar com o corpo de maneira que ele transcenda e rasure os velhos ditames. Criar um movimento para que novas concepções ganhem forma na busca de tentar entender o corpo fora das fronteiras da biologia, do natural, pois ele vem de “uma série de discursos disparatados e não simplesmente restritos aos modos de explicação naturalistas e científicos” (GROSZ, 2000, p. 79-80). Para ela, precisamos desenvolver análises que causem comoção na estrutura dos saberes perpetuados para que as interações entre os dois sexos se reordenem:

Se o corpo funciona como a condição reprimida ou recusada de todos os saberes (incluindo a biologia), oferecer novas bases para repensar o corpo pode dividir as suposições não articuladas desses saberes. Outras formas de conhecimento, outros modelos de saber, que não os que atualmente prevalecem, terão de ser criados. O que significa, entre outras coisas, não apenas a contestação da dominação do corpo em termos biológicos, mas também a contestação dos termos da própria biologia, em repensar a biologia, de modo que ela seja capaz de ver o corpo em outros termos que os que desenvolveu até agora. (GROSZ, 2000, p. 80)

É por essa razão que a poética de Paula Tavares desconstrói os discursos e mostra um eu

lírico feminino em encontro consigo mesmo: porque a mulher precisa se deslocar da concepção passiva imposta a ela e estar no centro, debaixo de uma forte luz – a do conhecimento. Remanejar esses lugares é também repensar as concepções que, durante os séculos, foram cristalizadas.

A grande empreitada é conceber maneiras novas de se compreender a mulher e seu corpo, colocando-a fora dos círculos que giram em torno das polarizações, pois são essas relações que precisam ser revistas. A contestação das posições sociais do gênero precisa, antes de tudo, partir do princípio de entender o que foi feito até então para que a mulher esteja onde ela está agora. A especificidade histórica é fundamental nessa questão, porque revela a construção de um modelo social homológico que não deixou de ser naturalizado.

A mulher, portanto, necessita de espaços de atuação e representação para que, assim, pense em abranger os domínios voltados para esse pensamento. A poética de Paula Tavares, em seu trabalho com o corpo e, conseqüentemente, com a sexualidade da mulher, em muito contribui para essa visibilidade feminina, uma vez que, a partir de uma voz em primeira pessoa, desafia a lógica fundamentada em discursos masculinos soberanos. Desvendando a mulher, ela inicia novos ciclos em que o feminino é apontado em suas diversas camadas; tira o véu do corpo e o chama para o centro a afirmar: o corpo é possível.

## Referências

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva *et alii*. 7.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

CIXOUS, Hélène *et alii*. The laugh of the Medusa. **Signs**, Vol. 1, No. 4. (Summer, 1976), pp. 875-893. The University of Chicago Press. <https://www.jstor.org/stable/3173239> Access in: 23/04/2019.

GROSZ, Elisabeth. “Corpos reconfigurados”. In: **Cadernos Pagu** (14). Campinas: UNICAMP, 2000.

LORDE, Audre. “Uses of the erotic: the erotic as power”. In: LORDE, Audre. **Sister outsider: essays and speeches**. Berkeley: Ten Speed Press, 2007.

PAZ, Octavio. **A dupla chama**: amor e erotismo. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Ed. Siciliano, 1994.

RICH, Adrienne. “Notas para uma política da localização”. In: **Gênero, identidade e desejo**: antologia crítica do feminismo contemporâneo. Trad. Maria José Gomes. Lisboa: Cotovia, 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Mônica Costa Netto. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TAVARES, Paula. **Amargos como os frutos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.